

LINGUÍSTICA DE CORPUS E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NOS SAMBAS DA ESCOLA DE SAMBA MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL

Cinara Monteiro CORTEZ
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

O presente artigo objetiva descrever, analisar e discutir as construções identitárias que emergem nos sambas da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel. O aporte teórico e metodológico insere-se na Linguística de Corpus, com utilização do programa MonoConc Pro para a geração, seleção e organização dos dados de análise. O trabalho também dialogará com discussões sociológicas sobre samba e identidade, procurando ampliar as discussões e os resultados da análise.

Palavras-chave: Linguística de Corpus, Identidade, Samba.

Corpus Linguistics and identity: analyzes of the identity constructions in sambas of Mocidade Independente de Padre Miguel

Abstract

The present paper aims at describing, analyzing and discussing the identity constructions which emerge from the lyrics of the sambas from Mocidade Independente de Padre Miguel. The theoretical and methodological approach is inserted in Corpus Linguistics, making use of MonoConc Pro software for generation, selection and organization of data for analyzes. The work also dialogues with sociological discussions about samba and identity, trying to extend the analyzes discussions and results.

Key Words: Corpus Linguistics, Identity, Samba

La Lingüística de Corpus y identidad: análisis de las construcciones identitarias en las sambas de la escuela de samba Mocidade Independente de Padre Miguel

Resumen

El objetivo del presente artículo es describir, analizar y discutir las construcciones identitarias que se manifiestan a través de las sambas de la escuela de samba Mocidade Independente de Padre Miguel. Acudiendo al aporte teórico y metodológico de la Linguística de Corpus, se utilizó el programa MonoConc Pro para generar, seleccionar y organizar los datos de análisis. El trabajo pretende aún dialogar con cuestiones sociológicas sobre la samba y el concepto de identidad, como un intento de ampliar las discusiones y los resultados.

Palabras clave: Linguística de Corpus, Identidad, Samba.

Introdução

Eu sou o samba
A voz do morro sou eu mesmo sim senhor
Quero mostrar ao mundo que tenho valor
Eu sou o rei do terreiro
Eu sou o samba
Sou natural daqui do Rio de Janeiro
Sou eu quem levo a alegria
Para milhões de corações brasileiros
Salve o samba, queremos samba
Quem está pedindo é a voz do povo de um país
Salve o samba, queremos samba
("A Voz do Samba", Zé Kéti)

O samba, essa entidade nacional, é reconhecido por todos como um dos símbolos da cultura nacional e que traduz a identidade de nosso povo. Muito já se falou sobre a relação samba e cultura, mas ainda há poucos estudos sobre samba e identidade(s). Os estudos que têm sido produzidos focam, sobretudo, o samba como identidade nacional (AUGRAS, 1998; BARBOSA, 1987; CALDEIRA, 2007; GOMES, 1998; PAGOTTO, 2004; PORTO, 1996), preferencialmente entre os pesquisadores das áreas sociais e alguns poucos da área de letras, especificamente, estudos sobre literatura. Faltam, portanto, estudos mais específicos sobre identidades mais locais e, especialmente, estudos em interface com pesquisas sobre estudos da linguagem.

Se o samba é, como diz a letra da canção, epígrafe deste trabalho, “a voz do povo”, que voz é essa que pelo samba é possível se fazer representar? De uma forma mais local, como a voz se traduz em identidades de uma escola de samba em particular? Como estudar estas identidades nas letras dos sambas enredos de uma escola de samba?

Essas primeiras perguntas impulsionaram este trabalho e a escolha do objeto de análise. Como moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde se localiza a escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, nada mais natural do que escolher a escola de samba de minha comunidade para pensar sobre estas questões. Assim, também, procurar analisar, de uma forma mais próxima, como as letras dos sambas enredos traduzem identidades locais, isto é, que construções identitárias há nas letras dos sambas associadas à escola, ao bairro de Padre Miguel e aos moradores.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho consiste em descrever, analisar e discutir as construções identitárias que emergem nos sambas da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel.

O aporte teórico e metodológico insere-se na Linguística de Corpus, com utilização do programa MonoConc Pro para a geração, seleção e organização dos dados de análise. O trabalho também dialogará com discussões sociológicas sobre o samba e identidade, em uma tentativa de ampliar as discussões e os resultados da análise.

Identidade e linguagem: uma breve discussão

O tema identidade atravessa diferentes áreas do conhecimento humano constituindo-se como um termo complexo de variadas interpretações e segundo De Fina (2006), não há como encontrar definições simples ou neutras para caracterizá-lo. De acordo com a autora, a problematização do conceito de identidade nas sociedades pós-modernas deve-se a processos de globalização e migração massiva, que proporcionam múltiplas ocasiões de contato com o outro. Nesse sentido, torna-se necessário compreender as relações que emergem entre o senso de pertencimento das pessoas a uma determinada comunidade, as crenças e práticas sociais que definem esta idéia de pertencimento e como isso se manifesta no comportamento social (DE FINA, 2003). A autora também enfatiza o papel central da linguagem “na construção e transmissão de identidades, mas também as formas concretas nas quais e, através das quais, as práticas discursivas indexam tais identidades” (DE FINA, 2003, p. 351).

Assim, todas as formas linguísticas (de diferentes níveis, desde as variantes fonológicas a complexas estruturas discursivas) podem ser usadas como sinalizadoras de relações de pertencimento ou não-pertencimento a grupos específicos, através da associação daquelas formas a ideologias, comportamentos, atitudes, ações e práticas que são atribuídas aos membros do grupo (DE FINA, SCHIFFRIN, BAMBERG, 2006). Tais associações e suas múltiplas e complexas relações também ajudam a compreender as identidades sociais, coletivas e pessoais (BULCHOLTZ E HALL, 2003, 2005; SNOW, 2001; BASTOS e OLIVEIRA, 2006). Como argumenta Gumperz (1982), são os processos comunicativos que permitem a manutenção das identidades e desempenham papel essencial na produção e reprodução das identidades sociais. Entretanto, essas identidades são mutáveis, pois estão sempre em relação com os diferentes grupos sociais e suas inter-relações através das interações.

Giddens (1991), em seus estudos sociológicos, vê a identidade como algo que o indivíduo compreende de forma reflexiva, em termos de sua biografia, em uma trajetória que se estende desde o passado até um futuro antecipado. Para o autor, a identidade tem que ser criada e reordenada de forma mais ou menos contínua face às experiências em mudanças da vida cotidiana e das tendências fragmentárias das instituições modernas (GIDDENS, 1991, p. 186). Neste sentido, o autor compreende a identidade de forma relacional, em uma concepção que abarca não somente uma noção do *outro*, mas onde as instituições e os processos sociais são essenciais.

Na tradição sociolinguística, Moita Lopes (2002) partilha a noção de construção (e reconstrução) identitária através da interação discursiva, onde a identidade é vista como um construto social (MOITA LOPES, 1998, 2002). Para o autor, a identidade de uma pessoa não é fixa e nem tampouco exterior à língua. As trocas discursivas, segundo o autor, contribuem para a constituição da(s) identidade(s) de um indivíduo em um processo construído na língua e através dela, e como a língua está em constante evolução, as identidades da língua interferem nas identidades do indivíduo.

Outros autores, no âmbito dos estudos de ordem sociológica, também dialogam com esta noção oposta ao caráter inato, uno e fixo da identidade (BAUMAN, 2003, 2005; HALL, 1980, 1997, 2005; SANTOS, 2001, 2002). Tais autores enfatizam o caráter fluídico e incompleto da identidade, vista como um processo, algo sempre em produção e transformação, influenciadas por aspectos sociais, raciais, étnicos, religiosos, culturais (também mutáveis). Desta forma, as pessoas constroem suas identidades a partir dos sentidos que constroem e são construídos em sua vida cotidiana, nas relações que são estabelecidas através das interações.

Bucholtz & Hall (2003, 2005) acrescentam que os estudos sobre linguagem e identidade estão também fundamentalmente relacionados à tradição da antropologia linguística. Para as autoras, os estudos de antropologia linguística abordam não somente os tipos de discurso, mas os tipos de falantes que produzem e reproduzem identidades particulares através do uso da língua. Desta forma, as autoras também partilham da visão antiessencialista da linguagem, e a compreendem como um fenômeno cultural, social e interacional e argumentam que sua conceituação, por se tratar de uma questão complexa, não pode ser contida em uma única análise. Portanto, as diferentes teorias e metodologias que abordem o tema devem funcionar como complementares para um entendimento mais amplo de suas inter-relações nas diferentes áreas de conhecimento.

Samba, escolas de samba e suas identidades

O status do samba como símbolo da identidade nacional é discutido por diferentes estudiosos, que trazem uma ruptura com definições apoiadas em divisões entre pobres x ricos, morro x asfalto, elites x cultura popular (PAGOTTO, 2004; VIANNA, 1995; SANDRONI, 2001). Tal dicotomia estaria associada às origens do samba, no início do século passado, através de inúmeras histórias que narram a perseguição dos sambistas do morro pelas autoridades oficiais no Rio de Janeiro, dando-lhe o caráter marginal que muito se atribui ao falar do nascimento do samba. A esse nascimento se vinculam narrativas sobre encontros secretos entre estes sambistas-marginais, nos fundos de quintais das casas das “tias” do samba. Desta forma, o samba, que, segundo estes outros pesquisadores, teria nascido marginalizado e sido perseguido pelas elites, de uma forma inacreditável, alça vôo, desce o morro e transforma-se em um produto que traduz nossa identidade.

Sobre esse aspecto, Hermano Vianna, em seu livro “O Mistério do Samba”, traz reflexões desta progressão do que, segundo o autor, pensavam ser uma manifestação marginal, ao status que o samba possui atualmente. Vianna (1995) chama atenção para essas explicações, que tenderiam a demonstrar uma vitória da “cultura popular” contra a opressão das elites, e as observa com estranhamento. Segundo o autor, já havia um interesse sobre as “coisas nacionais” por parte de certos nomes relevantes da elite nacional, que buscavam signos e símbolos que traduziriam a brasilidade. Neste sentido, Vianna ilustra seu argumento a partir da narrativa do encontro entre intelectuais, que estavam interessados em construir um projeto de identidade nacional (os “mediadores culturais”, entre eles Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda), e os sambistas do morro (dentre os quais se encontravam Donga e Pixinguinha, os “portadores da cultura popular”). De acordo com o autor, este encontro simboliza a representatividade do samba, como parte do processo de construção da identidade do povo brasileiro, entre a elite (que pretendia pensar e “descobrir” essa identidade) e a cultura popular (que engendraria também parte do processo).

O que o autor parece propor para explicar esta rápida progressão do samba à qualidade de gênero nacional é que o projeto nacionalista reconheceu no samba seu grande tradutor da identidade nacional musical e passou a promovê-lo nos meios de comunicação. Isto explicaria o fato de outros gêneros populares da época terem sido relegados a gêneros regionais (com exceção do choro e da marchinha). Ainda, de acordo com o autor, foram os laços entre a elite e as camadas mais pobres (mais fortes e mais frequentes do que se supunha, e anteriores ao nascimento do samba) que possibilitaram sua promoção. Assim, este nascimento do samba, associado à casa da Tia Ciata, ao samba “Pelo telefone” (com suas retocagens para melhor se adequar ao mercado) e aos encontros com a elite, sugerem o nascimento do gênero já como um produto de consumo.

Sandroni (2001) argumenta que além deste nascimento, há um segundo – o “Paradigma do Estácio”. Esse segundo nascimento ocorreu, em 1928, na região do Estácio, entre os sambistas que fundaram a primeira escola de samba do Rio de Janeiro, a “Deixa Falar¹”. O samba, assim, se espalha pelos morros do Rio de Janeiro rapidamente, como também acontece com a instituição “escola de samba”. Progressivamente, o samba, já se apontando como gênero nacional, e a escola de samba passam também dos morros aos subúrbios cariocas, para se propagarem por outras cidades do país. Segundo Porto (1996, p. 60), “o samba criado pelos compositores do Estácio de Sá espalhou-se pelo Rio de Janeiro com uma velocidade que deve ter surpreendido até os compositores do bairro”.

O novo ritmo propiciou a integração das camadas populares ao carnaval do Rio, que contava com bailes particulares e uma série de regras para os desfiles dos ranchos e cordões. A ideia da perseguição do samba deve ser reinterpretada, já que não era exatamente o samba que era perseguido, mas aqueles inventores do samba do Estácio e outros, “marginalizados sociais, frutos da grande migração do final do século XIX e da falta de uma política integradora das pessoas oriundas do regime escravocrata” (PAGOTTO, 2004, p. 9).

Esta possibilidade de integração na sociedade, através do carnaval, pode ajudar a compreender os processos identitários que acompanham a criação do samba e das escolas de samba.

A disciplinarização do carnaval do Rio nas décadas de 10 e 20 era rigorosa e uma série de regras e normas regia o carnaval e seus blocos e ranchos. Desta forma, para os jovens novos sambistas, organizar um bloco era garantir a inserção nesta sociedade, e garanti-la como um grupo. O samba, ritmo novo e melhor adaptado ao desfile de rua, demandava também uma nova forma de organização coletiva que deveria ser legitimada também pelo Estado, através da adoção de regras e normas, internas e externas, que pudessem assegurar-lhes o caráter disciplinado exigido para o carnaval pelas autoridades competentes. Como aponta Pagotto (2004), os jovens dos morros, à margem da sociedade e da vida social institucionalizada precisaram se organizar dentro da lei para uma festa que, em suas origens, remetia à transgressão. Há também a necessidade de se escolher tudo o mais que possa representar quem são: o nome da escola, as cores, músicas etc., para poderem participar do desfile, que no fim de tudo, era uma disputa, um dos concursos do carnaval.

Que papel teriam tido os concursos entre as escolas? Penso que o principal papel foi operarem também um gesto de identidade e de mitificação dessa identidade. [...] Eles desciam o morro para participar de uma disputa. Essa arena moderna pode ser vista de diversas maneiras. Em primeiro lugar, trata-se de exhibir-se para outrem que detém o poder do julgamento. O interessante é que, desde muito cedo, esse outro não provém dos mesmos extratos sociais daqueles que estão sendo julgados. Em segundo lugar, a arena é o não lugar, é a cidade por onde se passa, mas não se mora, não se compra, não se come, não se dorme. [...]. Mas a disputa motiva, a disputa gera a indústria, o labor, a identidade. Num primeiro momento, no plano local: eu = mangueirense// eu = portelense. Num segundo momento: eu=sambista (PAGOTTO, 2004, p. 15).

¹ Há **controvérsias** quanto ao fato de a Deixa falar ter sido a primeira escola de samba, pois, segundo alguns pesquisadores, ela nem sempre foi considerada como tal (cf. Porto, 1996).

Segundo Pagotto (2004), a própria criação das escolas de samba criou, em primeiro lugar, uma identidade distinta das outras, um eu, que era diferente do bloco, diferente do rancho e diferente das manifestações folclóricas. Como conclui o autor:

Uma geração filha de ex-escravos sem perspectivas na capital federal, criada nos morros recém-ocupados, circulando entre jongos e macumbas transplantados do interior do estado ou de outros estados. A inserção possível é a do carnaval. Mas mesmo esta está disciplinada, com regras e subvenções, concursos. É uma geração que se elabora, que elabora a sua identidade a partir desse jogo de pressões. É esse movimento de identidade que explicaria, a meu ver, o rápido espalhamento do samba. Foi uma linguagem na qual se torna possível codificar anseios, tristezas e o próprio isolamento, a distância e a proximidade com a cidade. O samba teria representado, assim, uma possibilidade de se dizer. E quanto mais o Estado pressionava, mais a resposta ficava clara: Nós somos sambistas. Nós somos do morro. Nós somos negros. Nós somos mangueirenses, etc. Nós somos. O fato de ter-se espalhado tão rapidamente se explicaria justamente por se tratar de uma geração inteira buscando a cidade. A primeira delas, pós-escravidão (PAGOTTO, 2004, 17).

Assim, a escola de samba é configurada como um eu plural, que ao ser criada cria também uma nova identidade, para ser diferente do que já havia e poder dar espaço àqueles que não encontravam lugar na cidade institucionalizada. Essa identidade maior, a escola, cria também identidades próprias, cada escola é única e representa o grupo de sambistas e moradores de sua comunidade. Cada escola também é o grupo, são os sambistas, é o morro, mas sempre, como mostram os pesquisadores, em uma identidade de grupo no continuum de todas essas identidades, que culminam no samba como identidade nacional.

A Linguística de corpus como orientação teórico-metodológica

As perguntas que orientam este estudo, apresentadas na introdução, corroboram a escolha da Linguística de Corpus como base teórico-metodológica.

Observar a ocorrência das escolhas léxico-gramaticais nos sambas-enredos da Mocidade Independente de Padre Miguel, parece-me um caminho interessante a trilhar para se discutir as construções das identidades a partir da análise do corpus gerado.

Mas, afinal, do que exatamente se ocupa a Linguística de Corpus, de modo a justificar sua escolha para se tratar de identidades? Segundo Sardinha (2004, p. 3):

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador.

Neste sentido, a análise das ocorrências nos sambas-enredos da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel pode ser feita através de uma ferramenta computacional, permitindo

uma geração de frequências de palavras e de linhas de concordância, que possibilitam a exploração destes dados de forma mais acurada e extensiva.

Por outro lado, tal proposta, assim apresentada, pode aparentar ser uma descrição da Linguística de Corpus como uma orientação metodológica apenas, não evidenciando, portanto, seu lugar como área de conhecimento. Para esclarecer esta posição aqui assumida, faz-se necessário uma breve apresentação da área e de seu alcance.

Ainda em Sardinha (2004), encontramos uma definição mais detalhada do corpus como um conjunto de dados linguísticos, orais ou escritos, uma “coletânea de porções de linguagem” (p. 17), que são organizadas segundo critérios específicos, com extensão suficiente em relação à amplitude e profundidade, para que sejam representativos da totalidade de um determinado uso da linguagem. Tais dados devem estar organizados de modo a serem processados por computador e, assim, produzirem resultados que possam ser utilizados, como uma amostra da linguagem de uma dada população, para a descrição e análise.

Desta forma, através da geração, compilação, organização, descrição e análise do corpus, é possível, segundo a perspectiva da Linguística de Corpus, chegar à linguagem. Como salienta Oliveira (2009, p. 48), esta é “uma área que permite o aprofundamento sobre o conhecimento empírico de diferentes línguas estudadas, levando a novas concepções teóricas sobre a linguagem”. De acordo com a autora, fazendo referência a Sinclair (1994), é necessário que se confie no texto, pois as descrições e análises podem oferecer novas descobertas através de evidências não esperadas que emirjam dos dados.

É importante, porém, como observam vários pesquisadores (MCCARTHY, 1998; CONRAD, 2002; OLIVEIRA, 2009; SANTOS, 2008; SARDINHA, 2004), que as descrições e análises dos corpora não se reduzam a quantificação das ocorrências linguísticas. Ao buscar os padrões dessas ocorrências nos dados, especialmente em relação à grande quantidade que é gerada a partir dos corpora, cabe ao pesquisador balancear as informações quantitativas com análises qualitativas. Como alerta Oliveira (2009, p. 49), “um corpus pode oferecer evidências, mas não pode dar informações. São os linguistas que produzirão novas informações, teóricas ou aplicadas, a partir do corpus”.

Neste ponto, parece ser possível afirmar que o trabalho proposto aqui é um estudo direcionado pelo corpus e não apenas baseado em uma análise de corpus, confirmando a escolha da Linguística de Corpus como base teórico-metodológica para a análise e discussão dos dados.

Portanto, será a partir do corpus, e da descrição e análise dos dados através do programa MonoConc Pro, que observarei as escolhas léxico-gramaticais que permitam pensar as construções textuais como também construções identitárias.

Entretanto, minha proposta de análise possui também um caráter interdisciplinar, que procurará relacionar os resultados obtidos às discussões sociológicas apresentadas brevemente na primeira parte desse trabalho, em uma tentativa de apresentar um diálogo entre o que os pesquisadores mencionados argumentam acerca do samba (aqui, o samba-enredo) como um processo de construção de identidades.

Composição do corpus e organização da análise

O corpus “Sambas enredos da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel” possui um total de 46 sambas da escola, abrangendo os anos de 1958, 1968 a 2011, e o hino da escola. A ausência de sambas dos anos que vão de 1955 a 1957 e de 1959 a 1967, deve-se ao fato

do não acesso ao acervo total da escola, pois as fontes digitais, assim como o registro dos sambas dos anos mencionados, não se encontraram disponíveis. O corpus, na composição descrita, gerou um total de 6.304 palavras.

Sobre a representatividade do corpus, acredito ser necessário fazer algumas considerações. Pensando a linguagem como um sistema de probabilidades, certos traços se mostrarão mais frequentes que outros (SARDINHA, 2004). Assim, surgiram palavras com maior índice de ocorrências que outras e, portanto, sentidos mais ou menos frequentes. Como argumenta Sardinha (2004), “a representatividade está ligada à questão da probabilidade”, e quanto maior o corpus, em sua extensão e variedade, mais representativo ele será em relação à população da qual ele deriva. Contudo, a representatividade também diz respeito à finalidade da descrição e análise, isto é, o corpus é sempre representativo de certa variedade da linguagem sob determinado fim.

No caso deste trabalho, em particular, o objetivo foca apenas uma variedade de gênero musical, o samba-enredo, e mais especificamente, uma coletânea dos sambas enredos, isto é, das letras dos sambas enredos de uma escola de samba somente. Portanto, tomo os sambas enredos como uma amostra de um gênero específico, em sua forma textual, que derivam de uma população específica: o grupo de compositores dos sambas enredos utilizados para a composição do corpus, que, por sua vez, compuseram seus sambas para uma escola específica, a Mocidade Independente de Padre Miguel.

Por conseguinte, a representatividade deste corpus específico está associada ao objetivo geral do trabalho (analisar as construções identitárias nas letras dos sambas) e à extensão e profundidade do corpus gerado. Sobre esses dois aspectos, a ausência das 9 letras dos sambas enredos, já mencionadas (mais 3 sambas antes da vitória de 1958 que a levou para o primeiro grupo das escolas de samba do Rio de Janeiro), não parece afetar negativamente a representatividade do corpus, em consideração às 46 letras de samba presentes no corpus, do total de 57 sambas enredos (além do hino da escola) compostos desde sua fundação, no ano de 1955.

A descrição e análise dos dados será feita a partir de duas ferramentas do programa MonoConc Pro, um *software* concordanciador usado para análise de textos: a ferramenta de geração de frequência de palavras e a ferramenta que apresenta as linhas de concordâncias de palavras selecionadas.

O propósito é observar quais escolhas lexicais são mais frequentes e quais as de menor frequência, e que construções léxico-gramaticais acompanham essas escolhas. Também serão avaliadas ausências, isto é, palavras ou colocações que pudessem ser esperadas, mas que não apresentaram ocorrências.

A partir das descrições obtidas através dos resultados gerados pelas ferramentas utilizadas, serão apresentadas as discussões analítico-interpretativas das escolhas, e um diálogo com as considerações dos sociólogos já apresentadas.

Análise do *corpus* “Sambas enredos da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel”

Para gerar os resultados dos dados foram usadas as ferramentas de frequência (*frequency*) e a de linhas de concordância (*concordance*).

A ferramenta *frequency* cria uma lista de palavras por ordem de maior ocorrência ou por ordem alfabética. Todas as palavras são listadas e apresentam o número de ocorrências e a porcentagem das ocorrências de cada palavra em relação ao total de palavras geradas.

Optei por utilizar a apresentação da lista pela ordem de maior ocorrência, para identificar, no conjunto lexical do corpus, as palavras mais utilizadas nas letras dos sambas da Mocidade. A partir da lista, selecionei palavras que pudessem indicar construções identitárias (nomes, pronomes pessoais, adjetivos e processos verbais), para as discussões da análise.

O *concordance* gera linhas de concordância a partir de uma palavra selecionada através de uma busca (*search*). As linhas de concordância trazem os contextos textuais em que a palavra está inserida, informando parte do texto que está à esquerda e que está à direita da palavra escolhida. Desta forma, é possível observar os sentidos que a palavra selecionada produz a partir dos diferentes contextos em que ela é usada. Também é possível recuperar todo o texto em que cada palavra aparece, caso seja necessário.

Assim, as palavras selecionadas por sua frequência (mas também discutirei a ausência de certas palavras esperadas) serão analisadas nas linhas de concordância para a discussão dos sentidos produzidos no texto e de sua relação com construções identitárias, contribuindo para uma discussão qualitativa dos dados mais ampla.

Palavras frequentes nos sambas enredos da Mocidade

A ferramenta de frequências gerou uma lista com o total geral das palavras (6.304), indicando o número de vezes em que cada palavra (ou grupo de palavras) aparece no corpus.

Desta lista, destaquei aquelas que possam ser pertinentes para analisar as construções que possibilitem observar identidades associadas à escola de samba.

Das palavras selecionadas para a análise, temos a seguinte configuração:

Tabela 1 – Frequência de palavras selecionadas

No. de ocorrências	Palavra(s)	No. de ocorrências	Palavra(s)	No. de ocorrências	Palavra(s)
61	Eu	24	luz	08	País
58	Mocidade	22	alegria	06	Mocidade Independente
37	sou	21	samba	06	brasileira
39	Brasil	18	nosso	06	brasileiro
34	Vida	17	terra	05	sambar
30	Amor	16	verde	05	nossa
		15	povo	04	Mocidade Independente de Padre Miguel
27	estrela	12	cidade	03	sambista
27	carnaval	12	Padre Miguel	02	nós
25	mundo	11	independente	01	escola

Com a lista de frequências do programa, o trabalho de seleção lexical torna-se mais visível e acessível, o que não é tarefa fácil de realizar manualmente, e assim é possível mapear no corpus aquelas palavras que podem ser úteis à análise.

Para este trabalho, o léxico é o ponto de partida da análise e a lista apresenta dados que descrevem as escolhas textuais, e que podem indicar as construções identitárias presentes.

Assim, surge, com o maior índice de ocorrências (depois de eliminadas outras palavras que não mostraram importância para a análise, tais como preposições, conjunções e outras não consideradas relevantes), o pronome pessoal *eu*. Porém ainda será preciso investigar no contexto, com as linhas de concordância, as construções que envolvem o uso deste pronome.

É possível considerar neste momento, no entanto, que o uso de *eu*, poderá demonstrar, em certos contextos, projeções identitárias relacionadas à escola de samba. Porém, apenas com a análise das linhas de concordância será possível observar essas construções.

Contudo, outras palavras já apresentam informações mais relevantes a partir de suas escolhas e número de ocorrências.

Mocidade aparece com alto índice de ocorrência (58 ocorrências), que se desdobra em grupos de palavras onde ela também aparece: *Mocidade Independente* (16) e *Mocidade Independente de Padre Miguel* (6). Também há ocorrências de *Padre Miguel* (12) e *independente* (11) isoladamente.

Estas escolhas podem evidenciar algum tipo de construção identitária em seu uso, o que poderá ser analisado com as concordâncias. Elas também indicam que a opção por se falar da escola, evidenciando seu nome, é o recurso mais utilizado pelos compositores dos sambas.

Cabe também avaliar se as construções com o pronome *eu* também estão de alguma forma associadas às construções onde o nome da escola surge, assim como se as construções com o grupo de palavras *Padre Miguel* fazem alguma referência ao bairro onde a escola se localiza.

Essas construções também podem estar associadas às ocorrências de *sou* (37), apresentando identidades construídas com esse verbo. Neste ponto vale ressaltar a ausência da presença do verbo ser na 1ª pessoa do plural (somos), o que parece indicar a não-construção de identidades de grupo marcadas através dessa flexão verbal, como também pode sugerir a ocorrência de baixa frequência de *nós* (2). No entanto, há a presença de 18 ocorrências do possessivo *nosso* e 5 usos de *noossa*, que podem apresentar algum tipo de construção através da associação com a relação de posse.

A construção de identidades de grupo pode estar relacionada à ideia de identidade nacional, nos sambas-enredos da *Mocidade*, associada ao alto índice da palavra *Brasil* (37). Podemos também considerar como pertencentes ao mesmo campo semântico as opções lexicais por *mundo* (25), *terra* (17), *povo* (15), *cidade* (12), *país* (8), *brasileiro* (6) e *brasileira* (6), as duas últimas com baixo índice. Novamente, é necessário lembrar que a análise das concordâncias vai indicar os sentidos em seus usos contextuais, o que permitirá a discussão sobre as construções.

Ainda observando a lista gerada, as opções lexicais que podem evidenciar identidades associadas ao samba aparecem em *carnaval* (27), *samba* (21), *sambar* (5) e a baixa frequência de *sambista* (3).

As outras palavras, que aparecem na tabela 1, foram escolhidas por sua alta frequência ou por terem sido consideradas como auxiliares contextuais para a análise das identidades e serão discutidas junto à observação das linhas de concordância. No caso de *estrela* (27) e *verde* (16), essas palavras estão relacionadas, respectivamente, ao símbolo da escola e sua cor predominante, o que podem também indicar construções identitárias.

Eu, a Mocidade e o samba: sou a Mocidade, sou o samba, quem sou eu?

As linhas de concordância trazem informações importantes acerca das escolhas léxico-gramaticais, que permitem analisar as construções e os sentidos dessas opções em seu contexto de uso.

Ao gerar as linhas, o programa apresenta todas as vezes em que a palavra (ou grupo de palavras) selecionada para a busca aparece no corpus, e traz parte do texto à direita e à esquerda da palavra selecionada, como já mencionei. Assim, ao selecionar o pronome *eu* para a busca, foi gerada uma lista de 61 linhas que correspondem as 61 vezes em que essa palavra foi usada no corpus.

Temos diferentes usos do pronome pessoal associados a processos verbais, indicando uma série de construções que não estão diretamente relacionadas a alguma identidade. Desta forma, selecionei as linhas que trazem construções associadas ao verbo *ser*, procurando mapear identidades declaradas do *eu*, marcadas através do uso com o verbo. Assim, das 61 linhas de concordância com *eu*, 5 estão colocadas com o verbo *ser*:

... *ma canção Brilhando nessa passarela [[Eu sou]] Elis com a Mocidade Numa rota de luz e ...*
... *Trago um sorriso de amor e de verdade [[Eu sou]] o samba Sou a Mocidade Vira virou a ...*
... *(não se paga) Não se paga pra sonhar [[Eu sou]] a noite mais bela Que encanta o teu so ...*
... *eiro fala alto é a filosofia nacional ([[eu sou]]) Sou passageiro da alegria O meu dest ...*
... *Senhor Olha pra mim, diga quem sou [[Eu sou]] o espelho, sou o próprio Criador Gên ...*

Entre as construções acima, apenas uma está relacionada à Mocidade. Entretanto, o *eu* é construído primeiro como “o samba” para depois ser indicação de uma identidade pessoal que é “a Mocidade” (“Eu sou o samba sou a Mocidade”). Isto é, temos um *eu* que se constrói como *o samba*, de forma identitária, uma entidade – “eu-samba” - que equivale a identidade “eu-mocidade”: *eu = samba = mocidade*.

Há também a construção onde a personagem sobre quem a escola canta (neste caso, Elis Regina), é apropriada pelo próprio *eu* com a ajuda da entidade-Mocidade: “eu sou Elis com a Mocidade”. Assim temos duas entidades distintas construídas em associação ao *eu*: *eu-Elis* e a Mocidade, sem a qual *eu* não poderia ser Elis.

Como visto, apenas duas linhas de concordância apresentam construções associadas ao samba ou à escola entre as 61 com construções com o pronome pessoal *eu*. Entretanto, gerando a lista com apenas o verbo *sou*, chegamos ao total de 37 linhas. Diminuindo as 5 linhas em que o *eu* não está omisso, temos o total de 32 linhas com construções pessoais marcadas pela flexão do verbo *ser* na primeira pessoa do singular. Reduzindo o resultado às construções associadas à escola ou comunidade de Padre Miguel, chegamos a 10 linhas de concordância:

... *um Nos meus devaneios Quero viajar [[Sou]] a Mocidade Sou Independente Vou a qua ...*
... *o de amor e de verdade Eu sou o samba [[Sou]] a Mocidade Vira virou a Mocidade che ...*

... Sei que ninguém pode Esquecer jamais *[[Sou]]* independente sou raiz também Sou Padre
...
... mais Sou independente sou raiz também *[[Sou]]* Padre Miguel Sou Vila Vintém Apoteose
...
... dente sou raiz também Sou Padre Miguel *[[Sou]]* Vila Vintém Apoteose ao samba todo pov
...
... e essa corrente pela vida! Sou doador, *[[sou]]* Mocidade Dou um alerta para o bem da h
...
... ouca Luz independente me leva pro céu *[[Sou]]* Mocidade sou Padre Miguel Parábola d
...
... ependente me leva pro céu Sou Mocidade *[[sou]]* Padre Miguel Parábola dos divinos se ...
... ndo verde e branco Na Sapucaí Agora *[[sou]]* uma estrela Trago um sorriso de amor e ...
... pode Esquecer jamais Sou independente *[[sou]]* raiz também Sou Padre Miguel Sou Vila
...

Temos então o *eu* (elíptico) que canta o samba traduzido como a própria escola, seja declaradamente: “sou a Mocidade”, “sou Mocidade”, “sou independente”; ou através de elementos que a simbolizam: “sou uma estrela”, “sou raiz”. Esse mesmo *eu* é também a comunidade que a escola representa (favela da Vila Vintém, no bairro de Padre Miguel, Zona Oeste do Rio de Janeiro): “sou Padre Miguel”, “sou Vila Vintém”.

É possível perceber uma ordem hierárquica nas construções acima. O *eu* parece primeiro representar a escola, para só depois representar a comunidade: “sou Mocidade sou Padre Miguel”, “sou independente sou raiz também sou Padre Miguel”.

Entretanto, também há construções, como no exemplo “eu sou Elis”, em que o *eu* separa-se da identificação com a escola, e temos duas entidades distintas: o *eu* (que traduz qualquer entidade na letra do samba que não seja a escola) e a Mocidade (como uma entidade por si só):

... tem tabaco e tem bebida E no carnaval *[[sou]]* batuqueiro Com a Mocidade na avenida
...
... r O brilho das estrelas vai iluminar (*[[Sou]]* da Mocidade) Essa noite a magia Cai d ...

Há o “*eu* batuqueiro”, mas que só pode ser essa identidade através da Mocidade (“sou batuqueiro com a Mocidade na avenida”), isto é, somente com a Mocidade é que essa identidade emerge, entre outras, no carnaval. Da mesma forma, temos um *eu*, como entidade, pertencente à entidade Mocidade (“sou da Mocidade”).

Outras construções trazem a figura do sambista:

... olia O sonho se transforma em alegria *[[Sou]]* eu, tenho samba no pé, sou sambista Na ...
... em alegria Sou eu, tenho samba no pé, *[[sou]]* sambista Nas mãos, o talento de artist ...

Nos dois exemplos acima, o *eu* está representado na figura do sambista: “sou eu, tenho samba no pé, sou sambista” (note que o segundo exemplo é a continuação do primeiro exemplo). Contudo, já foi mencionada a baixa frequência da palavra *sambista* no corpus (3 ocorrências) e somente os exemplos acima possuem essa identidade associada ao *eu*.

Assim temos um *eu* traduzido de diferentes formas no corpus, gerando 61 linhas de concordância, das quais apenas 16 trazem construções identitárias realizadas com a colocação *sou* (considerando as formas evidenciadas e elípticas do pronome) e com menções diretas ao samba (sambista, batuqueiro) e à escola ou comunidade.

Embora as outras construções com *eu* não sejam foco desse estudo, pois optei por analisar aquelas diretamente relacionadas a construções identitárias específicas (Mocidade, samba etc.), é possível inferir a presença de entidades distintas que, em determinados momentos, se fundem. Há a representação de um *eu* independente, cuja entidade é a voz que canta os sambas (eu lírico); há o *eu* que se traduz nos personagens cuja história é contada pela letra do samba (como no caso de Elis): *eu* = personagem, cuja identificação só é possível através da Mocidade; há o *eu* que é a própria essência do carnaval: *eu* = o samba, *eu* = sambista, batuqueiro; há o *eu* que é a escola em si ou a comunidade representada: *eu* = Mocidade, *eu* = Vila Vintém, Padre Miguel.

Entretanto, temos o *samba* e a *mocidade* também como entidades distintas que possuem construções identitárias próprias, dissociadas de uma identificação pessoal, ou de uma identidade singular marcada pelo *eu*.

Há 21 ocorrências do nome *samba* no corpus e apenas uma construção com *sou* (“Eu sou o samba sou a Mocidade”). Todas as outras construções trazem o *samba* como uma entidade independente, referentes à construção de 3ª pessoa do singular (o samba = ele):

... o ecoa pelo ar *É a Mocidade Olha o [[samba]] na pista Olha a evolução Olha o pé ...*
... ronco *Que entoava sua melodia Era o [[Samba]] sim senhor Entoadado com sofrimento e do*
...
... ação *Na casa da Tia Ciata Oh como o [[samba]] era bom sem sair do tom Dança o batu*
...
... à Lua vou ao Sol *Vai a nave ao som do [[samba]] Caminhando pelo tempo Em busca de out ...*

No entanto, há associações com identidades pessoais ou de grupo através de possessivos (*meu, nosso, tenho*):

... ponto alto do nosso carnaval *E o nosso [[samba]] evoluiu E se tornou marca registrada d*
...
... se transforma em alegria *Sou eu, tenho [[samba]] no pé, sou sambista Nas mãos, o talent*
...
... Quinto Império Universal *Deixa o meu [[samba]] te levar E a minha estrela te guiar À*

Assim, as construções associadas direta ou indiretamente a construções pessoais ou de grupo estão presentes em apenas 6 ocorrências das 21 que contém *samba*. Com isso, é possível inferir que a relação com o *samba* não requer necessariamente uma identidade de *eu* ou de grupo como o próprio *samba*. Há o *samba* como uma entidade outra que coexiste com as outras identidades referenciadas no corpus através das construções do eu e de grupo.

A Mocidade é...

Assim como o *samba*, a Mocidade também assume construções de identidade separadas de uma identificação pessoal ou de grupo. Há apenas 10 ocorrências associadas a construções pessoais ([eu] sou) que passam pela referência à escola de samba ou à comunidade onde ela está localizada.

Com a palavra Mocidade surgem 58 ocorrências, das quais apenas duas trazem a colocação com o verbo ser:

... zar (*Canta, Brasil!*) Paz, harmonia, [[mocidade é]] alegria Desperta, uma luz lá do céu
...
... rtilhar A vida tem mais qualidade E a [[Mocidade é]] o caminho pra felicidade E amanhã,
qua ...

As orações acima mostram as duas construções identitárias marcadas pelo verbo e associadas a imagens de sentimentos positivos (alegria, felicidade: “mocidade é alegria”, “Mocidade é o caminho pra felicidade”).

Assim como as construções acima, as outras ocorrências de *mocidade* trazem associações sempre positivas, embora as construções não sejam marcadas por identificações diretas (pelo verbo ser, por exemplo) relacionadas aos sentidos que produzem sua imagem positiva; isto é, não temos tantas declarações diretas (a mocidade é / não é). Desta forma, podemos avaliar as construções que produzem associações identitárias positivas através da Mocidade como sujeito ou objeto das orações nas linhas de concordância. Assim, temos a Mocidade associada à alegria, felicidade (em outras construções também) e amor; à fé, magia e espiritualidade; à solidariedade e justiça; e ao carnaval em si:

... navais Vou me vestir de alegria Com a [[Mocidade]] minha gente Abrindo alas pra folia
Ve ...
... sonhando Com tanta felicidade Vendo a [[Mocidade]] desfilando Contagiando a cidade E
a ...
... a Brasileira Baila no ar a poesia A [[Mocidade]] irradia Sua magia neste Carnaval Oh
...
... r Padre Miguel sua estrela minha guia [[Mocidade]] manifesta na cidade Os encantos da
magia ...
... Vem fazer o bem sem olhar a quem Com a [[Mocidade]] doar o coração Nos braços da
mitologia ...
... ão Faz a manifestação popular Minha [[Mocidade]]... Guerreira Traz a igualdade, justiça
...
... imortal Por isso é que se diz Que a [[Mocidade]] reinará Na eternidade do divino
carnaval ...

Essas construções corroboram a alta incidência de palavras como *amor*, *carnaval*, *luz*, *alegria*, entre outras no corpus, que podem ocorrer para a criação de imagens positivas associadas a identidades que estão relacionadas à escola de samba.

Mocidade independente (do Brasil): identidades de grupo?

Analisando outras linhas de concordância a partir das palavras que pudessem apresentar construções relacionadas a identidades de grupo ou identidade(s) nacional, há construções com entidades tratadas em 3ª pessoa do singular: *Brasil, mundo, terra, cidade, povo, país, brasileiro e brasileira*:

... *formou Nesse gigante que hoje se chama [[Brasil]] Tropicália Brasileira Baila no ar ...*
... *nacional Viagem pitoresca através do [[Brasil]] Ao rever a história Que...*
... *zeiro do Sul, não me perco jamais Se o [[mundo]] gira, o sol se põe A lua vem e anuncia ...*
... *us descendentes Senhor que criou nesse [[mundo]] a matriz Faz esse povo feliz Saúde ...*
... *o todo mundo Mocidade mostra agora Eh [[terra]] chão terra chão Nosso céu azul de anil*
...
... *Dando aquele toque de magia E uma nova [[terra]] Porto descobria Vera Cruz Santa Cru*
...
... *Cruzando espaços siderais Hoje aqui na [[Terra]] Para mostrar que a paz existe E é pos*
...
... *Vejam Quanta alegria vem aí É uma [[cidade]] a sorrir Parece que estou sonhando Co ...*
... *ístico É show, que euforia Festa na [[Cidade]] O grande Circo Místico chegou De mãos*
...
... *reza linda Deu beleza infinita A este [[país]] tropical Tropicália maravilha É enred ...*

Vemos linhas que trazem cada uma das palavras como uma entidade, cuja possibilidade de agência permite construções identitárias (“que hoje se chama Brasil”, “Se o mundo gira”, “uma cidade a sorrir” etc.). Ao mesmo tempo há aquelas cujos sentidos referem-se a um lugar onde outras entidades agem sobre (“através do Brasil”, “Hoje aqui na Terra”, “Festa na Cidade”).

Desconsiderando as construções que remetem a lugar, restam 26 ocorrências de *Brasil*, 20 de *mundo*, 12 de *terra*, 4 de *país* e 6 de *cidade*. Em geral, essas construções apresentam imagens positivas e algumas beiram o ufanismo para esses nomes, tratados como entidades. Encontramos, também, essas entidades associadas à identidade pessoal através do uso do possessivo.

... *poema de amor Brasil Brasil avante meu [[Brasil]] Vem participar do festival Que a Moci*
...
... *da mudou assim Vem mergulhar No meu [[mundo]] de água doce O navegante foi quem*
trou ...
... *real Tupi Cacique Poder geral Minha [[cidade]] Minha vida Minha canção Faz mais ver*
...
... *Lá pelas bandas de lá Do sul do meu [[país]] Eternamente a cantar Elis Elis Elis ...*
... *Conquistou o mundo inteiro Fez nosso [[país]] se orgulhar palmilhando os quatro cant ...*

Para *Brasil*, há 6 ocorrências com o uso do pronome possessivo (*meu Brasil*); *meu país* conta com 3 ocorrências, *meu mundo* aparece 2 vezes no corpus; e *minha cidade* possui apenas 1 ocorrência. Não há ocorrências para *minha terra*; assim como para *Brasil, mundo, terra* ou *cidade* colocadas com o possessivo em sua forma plural (*nosso, nossa*). Contudo, há 3 ocorrências de *nosso país*.

Assim como as construções acima analisadas, temos *povo* com 12 ocorrências em que é projetado como uma entidade independente, 3 usos associados ao *eu* através do possessivo *meu* e uma ocorrência com uma construção de *povo* colocada com o possessivo no plural (*nosso*).

... *har O verde-branco pavilhão E faz o [[povo]] levantar Arrepiado de emoção E um g ...*
... *á Arrastando a sandália Fazendo o meu [[povo]] cantar Lara larara larara ôôôô O ...*
... *a Rugendas anotou Com orgulho o nosso [[povo]] brasileiro E a mulata Com seu feitiço ...*

Para *brasileiro* e *brasileira*, em todas as ocorrências, ambos funcionam como adjetivo para outros nomes no corpus, apenas indicando uma opção de marcação da nacionalidade, não possuindo representatividade em relação a outras ocorrências de maior frequência do corpus. Também a análise das linhas de concordância não mostrou sentidos significantes para a análise das construções identitárias, a não ser a observação de opções por certas imagens ufanistas nas construções.

Sobre construções identitárias de grupo, mais diretamente marcadas através de pronomes e do verbo *ser*, já foi mencionada a ausência da flexão *somos*. As duas ocorrências do pronome *nós*, nas linhas de concordância, mostram seu uso como objeto e não como sujeito (“... Padre Miguel, Padre Miguel Olhai por [[nós]], olhai por [[nós]] Se liga nessa gente tão ...”), onde *Padre Miguel* também não indica a comunidade da escola, mas sim o padre que deu origem ao nome do bairro. No entanto, há 18 ocorrências do pronome possessivo *nosso*, 5 de *nossa* e 1 de *nossas*.

As ocorrências de *nosso*, *nossa* e *nossas*, após a análise das linhas de concordância, trazem a ideia de uma identidade de nós implícita na apropriação dos objetos através dos possessivos. Temos, assim, o total de 24 ocorrências que trazem uma identidade de grupo oculta que possui símbolos da nacionalidade (*samba*, *país*, *carnaval*, *povo*, *índio*, entre outros):

... *rismo Que com muito brilhantismo Pelo [[nosso]] samba trabalhou Confederação Brasileir ...*
... *de raça Rugendas anotou Com orgulho o [[nosso]] povo brasileiro E a mulata Com seu fe ...*
...
... *despontou trazido pelos africanos em [[nosso]] país se alastrou Foi Donga que tudo ...*
... *am as escolas de samba O ponto alto do [[nosso]] carnaval E o nosso samba evoluiu E ...*

Dialogando com as discussões sociológicas

De uma forma geral, é possível dizer, como argumenta Pagotto (2004), que a escola de samba configura-se como um eu plural que abarca uma série de outras identidades. Contudo, a análise das ocorrências mostra, também, que este *eu* não se traduz em uma identidade de grupo que represente os sambistas, os moradores e a comunidade onde a escola se situa.

Neste sentido, considerando a escola de samba como instrumento de inserção daqueles excluídos à sociedade que regula o carnaval, não há tampouco uma presença relevante, nos sambas-enredos, de escolhas léxico-gramaticais que materializem esses indivíduos ou sua comunidade, como é possível observar na baixa frequência da identidade social *sambista*, no uso de *nós* e nas menções à comunidade (*Padre Miguel*).

A identidade que surge com maior ocorrência é de um *eu* que está refletido em construções positivas para a escola (*Mocidade*), onde o indivíduo ou o grupo de indivíduos (aqueles que compõem a escola) são mitigados em detrimento a outras construções que privilegiam uma

identidade que representa a nação, visto o alto índice do nome *Brasil*. Entretanto, mesmo aqui é possível perceber construções mais impessoais, pois brasileiros(as) também possuem pouca frequência.

É como se a própria identidade Mocidade tenha contido em si os nós-sambistas, nós-da-comunidade, nós-indivíduos. Assim, é possível dizer que há uma super construção da identidade Mocidade, que possibilita o quase apagamento destas outras identidades.

Desta forma, o argumento de que as escolas de samba, ao serem criadas, criaram também uma nova identidade, que possibilitaria dar voz aos que antes eram marginalizados, os sambistas, os moradores dos morros e comunidades, os negros, etc. (PAGOTTO, 2004), parece não ser sustentado nas letras dos sambas-enredos da Mocidade Independente de Padre Miguel.

O que parece estar mais presente é a associação dessas identidades ao samba como símbolo de uma identidade nacional, uma identidade onde o *eu-Mocidade* traduziria o espírito de uma brasilidade particular, onde a Mocidade é algo maior do que as pessoas/sambistas que tornam possível sua existência.

Discussões e considerações finais

Este trabalho focou as letras dos sambas-enredos da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel no intuito de descrever, analisar e discutir as construções identitárias presentes. Com esse objetivo, o trabalho teve como orientação teórica e metodológica a Linguística de Corpus e utilizou o programa MonoConc Pro para a geração, organização e análise dos dados.

A análise dos dados mostrou que a construção da identidade Mocidade é altamente representada por ocorrências que trazem um *eu* subjacente. Este *eu* (explícito ou elíptico) equivale ao samba, o que vale dizer que eu = samba = Mocidade. A associação dessa identidade à comunidade de Padre Miguel é feita em um segundo plano e também há pouquíssimas ocorrências de identidades individuais que remetam ao sambista/batuqueiro.

Tanto Mocidade quanto samba também aparecem como construções coexistentes e independentes. O *eu*, por vezes, traduz alguma identidade de nomes da história do Brasil, mas que somente são possíveis através da Mocidade.

As construções que descrevem a identidade de Mocidade são sempre positivas e associadas à alegria, ao amor, espiritualidade, solidariedade, justiça.

As construções que correspondem a uma identidade nacional são feitas em 3ª pessoa e tem caráter ufanista. Essas identidades são também apropriadas do *eu*.

Não há ocorrências explícitas de construções de identidades de grupo, pois não há ocorrência de *nós* ou *somos* que as identifiquem em presença. Contudo, há 24 construções que podem representar uma ideia de identidade coletiva através da apropriação de alguns símbolos nacionais pelos possessivos *nosso*, *nossa* e *nossas*.

Os dados apresentam ligações com as discussões sociológicas. Foi possível observar que a construção da identidade da escola é a que possui maior índice de ocorrências léxico-gramaticais. Os sambas-enredos trazem a força desta construção em uma série de outras construções associadas à escola. A alta ocorrência do nome da escola (Mocidade) serve para reforçar a ideia de uma identidade maior que abriga outras ou que pode torná-las possível.

Seria uma grande contribuição para a discussão se estudos futuros pudessem observar as construções nos sambas-enredos das outras escolas e também observá-los por épocas, buscando as construções mais explícitas em cada escola e cada época. Outra contribuição seria a elaboração de

mais estudos interdisciplinares sobre samba e identidade, no intuito de ampliar as discussões para além da análise linguística.

Este trabalho também buscou contribuir com os estudos de corpus, procurando apresentar outra possibilidade de análise orientada pelo corpus e, também, a importância do diálogo entre áreas distintas.

Referências

AUGRAS, M. *O Brasil do samba-enredos*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BARBOSA, O. *Samba*. Rio de Janeiro: Funarte, 2ª edição, 1987.

BASTOS, L. C.; OLIVEIRA, M. C. L. Identity and personal/institutional relations: people and tragedy in a health insurance customer service. In A. De Fina; D. Schiffrin; M. Bamberg (eds.). *Discourse and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 351-375, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Language and Identity. In A. Duranti (org.), *A companion to Linguistic Anthropology*. Oxford: Basil Blackwell, p. 268-294, 2003.

_____. Identity and Interaction: a Sociocultural Linguistic Approach. *Discourse Studies*, 7(4-5): 2005, p. 585-614, 2005

CALDEIRA, J. *A Construção do Samba*. São Paulo: Mameluco, 2007.

CONRAD, S. Corpus linguistics approaches for discourse analysis. *Annual Review of Applied Linguistics*. 22, 75-95, 2002.

DE FINA, Anna. Identity as categorization. In: _____. *Identity in narrative: a study of immigrant discourse*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 139-179, 2003.

_____. Group Identity, narrative and self-representations. In: A. De Fina; D. Schiffrin; M. Bamberg (eds.). *Discourse and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 351-375, 2006.

_____.; SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. *Discourse and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GIDDENS, A. *Modernity and Self-Identity: self and society in the late modern age*. Cambridge: Polity Press, 1991.

GOMES, T. M. *Lenço no pescoço: o malandro no teatro de revista e na música popular*. Dissertação de Mestrado. IFCH, UNICAMP, 1998.

GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALL, S. Cultural Studies and the Center: some problematics and problems. In S. Hall; D. Hobson; A. Lowe; P. Willis (eds.). *Culture, media, language: working papers in cultural studies*. London: Hutchinson, p. 1972-1979, 1980.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, 22 (2), 15-46. 1997.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LIMA, A. C. G. *Cultura do samba e a escola: uma aproximação*. Anped, GT 14, Sociologia da Educação, 2007.

McCARTHY, M. Introduction. *Spoken language and applied linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

MOITA LOPES, L. P. Discurso de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: I. Signorini (org.) *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP, Mercado das Letras, pp. 303 – 330, 1998.

_____. *Identidades fragmentadas*. Rio de Janeiro: Mercado das Letras, 2002.

OLIVEIRA, L. P. Linguística de corpus: teoria, interfaces e aplicações. *Matraga*, vol. 16, jan/jun, 48-76, 2009.

PAGOTTO, E. G. . Samba, disciplina e identidade. *REPOM - Revista de Estudos poéticos-musicais*, Florinaópolis, v. 1, 2004.

PORTO, S. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar editora, 1996.

SAMBAS ENREDOS DO G.R.E.S. MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/mocidade-independente-de-padre-miguel/>> Acesso 05 mai. 2011.

SANDRONI, C. *Feitiço Decente: Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ, 2001.

SANTOS, B. de S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Cortez, 2001.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro, p. 237-280, 2002.

SANTOS, D. Corporificando algumas questões. In Tagnin, S. & Vale, O. (Eds.) *Avanços da linguística de corpus no Brasil*. Humanitas: SP, 2008.

SARDINHA, T. Visão geral da Linguística de Corpus. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

SINCLAIR, J. Trust the text. In Coulthard, M. (Ed.) *Advances in written text analysis*. London: Routledge, 1994. p. 12-25.

SNOW, D. A. Collective Identity and Expressive Forms. University of California, 2001. Paper 01'07. Disponível em <<http://escholarship.org/uc/item/2zn1t7bj>> Acesso 18 out. 2009.

VIANNA, H. *O Mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ, 1995.